



**bauhaus**  
**VOLUME 1**



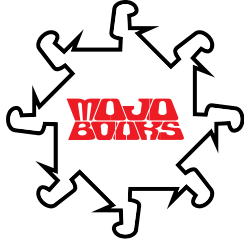
recontado por  
**HEITOR WERNECK**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador



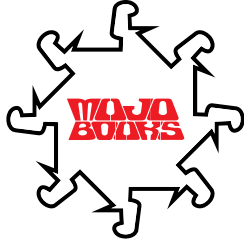
**VOLUME 14**

---

**1979-83 VOL. 1**

**bauhaus**

recontado por **HEITOR WERNECK**



**VOLUME 14**

---

**1979-83 VOL. 1**  
**bauhaus**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Kintzel**

Março de 2007

Não lembro mais. E é tão boa essa sensação, a de não lembrar... Só ajo por instinto, sem culpas nem artimanhas. Apenas instinto. Quando sinto fome, encontro algo para comer. Mas, se as lembranças me escapam, por que lembro de sentir fome? E como sou capaz de procurar abrigo? Loucura, acho. Mas no meu universo de programações cerebrais não sobraram apenas funções fisiológicas e sociais: restam algumas linhas de pensamento.

Hoje li num pedaço de jornal que vivo num mundo novo. Um novo mundo, surgido da destruição do velho mundo. Quanto romantismo! Sabe, tenho esse gosto por formular frases de efeito. Déjà-vu de algo de que não me lembro. Não lembro mais.

Foda-se! Deixe-me apresentar para mim mesmo. (Hahahaha! Será que alguém escuta a minha voz interior? Sou um ótimo companheiro da minha própria pessoa.) Prazer, meu nome é... Não. Me chame da porra que quiser! Ainda estou de barriga cheia, não vou te comer mesmo — ou fazer sei lá que merda que você deve estar pensando. Portanto, dispensemos a apresentação e vamos ao que interessa.





Senti um cheiro no ar. Não era o meu. Estranho ainda ter memória olfativa. Cheiro de pele, não sei qual. Mas um cheiro que não é o meu. Cheiro de natureza, não de escombros e latas sujas. Presto atenção ao meu redor e só vejo janelas quebradas, uma ou outra luz trêmula, um ruído parecido com música. Uma rua enorme, com muros repletos de cifras indecifráveis. Algumas pessoas com olhar de rapina esfregam-se em cantos escuros. E o cheiro... Cada vez mais presente, forte. Ainda não o identifico. Sinto algo escorrer dentro do meu corpo. É outra pessoa, outra pessoa me invadindo, causando uma sensação da qual não me lembro o nome, mas que não é estranha. Ok, estou muito romântico. Talvez o odor esteja causando isso. Um odor bom, que não é de flor (não vejo flor há muito tempo, só folhagens: não me lembro como eram as cores das flores. Porra, não lembro de mais nada!).

Mas o cheiro corta minha divagação; farejo ao redor e meus pêlos se eriçam. Uma outra sensação me invade. Pelo cu. Sinto um frio na próstata, e, ao mesmo tempo, calor. Desço e caminho pela rua, passando por aquelas criaturas. Elas parecem geladas.

— Você fuma? — um dos seres intervém.

— Não. - minto.

— Quer me chupar? Ou que eu te chupe? — insiste, numa nova estratégia.

Bom, foi tudo muito rápido, nem tenho como apresentar tal criatura (aliás, se nem sei o nome, como poderia apresentar?!). Comecei beijando o rosto cheio de cortes e tatuagens, que iam do pescoço ao queixo, algumas chegando atrás da orelha. A cabeça, raspada, mantinha apenas um único tufo de cabelo comprido. Ela era adornada com ossos e crânios de pássaros, ratos, sei lá! Eram animais pequenos, disso eu sei. O corpo da criatura era lindo, com três lindas tetas que faziam pressão contra o meu corpo. Enquanto nos beijávamos, eu acariciava as tetas, sentindo os mamilos soltarem um líquido estranho. O corpo era todo tigrado, formando uma pelagem linda. Usava meia-liga presa a uma bota cano alto e balançava aquele rabo contra o poste em que nos atracamos, embaixo da luz. E aquele olhar de gato, olhos alaranjados pulsantes, pedindo. Olhos famintos. Eu me inebriava sentindo os lábios cortados, a língua áspera e aquela mão de dedos finos e unhas afiadas rasgando minha pele. Já não sentia mais se era o líquido do meu corpo que saía a cada carinho daquela criatura ou se era o contato da pele ou do pêlo dela. Nos meus pés, uma sensação de línguas grossas. Abri meus olhos para ver: três criaturas menores lambiam o que caía nelas, o que escorria dos peitos da criatura e de mim.

Ao roçar o corpo, senti um volume entre as coxas do ser.





Passei a mão e senti um pau, um membro, sei lá que caralho era aquilo... E senti também um buraco, quente. O bicho, ou a bicha, tinha tudo: buceta, três tetas, cu e pau... E, porra, que cacete! Não deu tempo de chupar aquilo nem de ser chupado... O cheiro que sentia antes estava mais forte, me chamando. Que situação! Aquelas três criaturas lambendo meu pé e aquele peludo roçando meu corpo, as garras nas minhas costas, o volume contra meu pau, minha mão numa espécie de buceta. Aquela quantidade de tetas soltando um líquido que, misturado ao que saía de minhas costas, alimentava aquelas bestas que me lambiam cada vez com mais vontade. E ainda beijando aquela língua áspera! Tudo começou a me arrebatar furiosamente, e minhas mãos correram naturalmente até o pescoço da criatura, torcendo-o num golpe tão preciso que ouvi um único barulho de osso estalando. O corpo ainda tremia — tanto o dela/dele como o meu — quando senti uma gozada vindo daquele caralho enorme. Os bichinhos fizeram a festa, lambendo meus pés ainda mais.

Não vou recapitular tudo, ainda mais com esse cheiro forte me sufocando. Procuro pelo cheiro agora e olho atrás de mim. Vi um corpo nu jogado no chão, sem a cabeça e com um pau enorme, sendo devorado por três gatinhos. O corpo tremia todo e soltava líquido, como uma fonte... Ah, acabei de lembrar de



uma palavra: fonte! Mas estou divagando, me perdendo.

O cheiro estava forte. Olhei para o que ainda tinha em minhas mãos, chubei e lambi o pescoço. Olhei para o rosto da criatura, que estava sorrindo com os olhos laranja estalados, olhos lindos, e uma expressão de gozo agradecido. Terminei de arrancar a cabeça e dispensei o corpo. Olhei para trás novamente. Mulheres lindas com asas de águia — outras de morcego — pegavam as criaturas-bebês que me lambiam e as comiam. Uma delas ofereceu às outras o pau da criatura, enquanto devorva as tetas. Ai, que tetas lindas! Joguei a cabeça para elas, mas antes dei-lhe um beijo. Gosto ruim. Mas o cheiro, caralho! O cheiro estava forte. Algo ficou maior em mim, e não era meu pau, que continuava duro. Comecei a apressar o passo e a farejar o ar. Como está claro!

Vi uma lua enorme, rachada ao meio. Parecia uma veia pulsando sob uma pele alva. Meu tesão aumentava. E o cheiro ficava insuportavelmente delicioso e forte.

Ouvi sons, barulhos e o ar em movimento. Vi algumas pessoas nuas, se pegando, se acariciando. Gozado, fazia tempo que não via tanta gente junta. As pessoas costumam sair correndo quando me vêem. Não ligo, tô acostumado. Duas pessoas se destacaram na multidão, por parecerem não se importar. Aproximei-me e identifiquei o cheiro. Fechei os olhos e senti muito tesão... me





bolinei com a mão ainda cheia de sangue, ou sei lá o quê aquela criatura expelia por suas tetas lindas.

Parecia que até minha pele podia sentir aquele cheiro. Abri os olhos e identifiquei a origem. Uma menina loira, de olhos verdes brilhantes e boquinha vermelha, passando a língua entre os lábios. Ela parecia não ligar por eu a estar encarando, pois rebolava e tocava-se com tesão. O vestidinho cheio de renda rasgada estava desabotoado na frente. Ela também se bolinava, se acariciava. Seus mamilos eram estrelas solitárias, pois ainda não tinha seios. Ela aparentava ter sete ou oito anos. Uma pequena deusa branca, com lindas asas de pombo se abrindo e fechando freneticamente. Dançava exoticamente, e era isso que exalava aquele cheiro. As asas espalhavam aquele cheiro de luxúria. Desci o olhar e a vi de pernas abertas. Um cachorro enorme lambia sua xoxotinha. Parecia um lobo; cinza, com os pêlos eriçados e um rabo espesso, balançando pra lá e pra cá. O cachorro-lobo a lambia e gania. Sons incríveis de um animal no cio. Era um arfar intenso, tanto dele quanto dela. O que parecia ser uma criança movimentava os quadris e abria os braços para o lobo, que subiu e cruzou com a pequena deusa. Ela mantinha as pernas trançadas ao redor do animal.

O beijo da fera era violento, a fazia sangrar enquanto ela

tentava lambe seu próprio suor e sangue. O lobo a penetrava ferozmente, a arranhava procurando sempre se encaixar na pequena vulva. Tamanho era o tesão da besta que o uivo fez a deusa acordar de seu cio. Ao me ver, ela tentou se virar, mas o lobo estava gozando e seu pau estava inchado dentro dela. Ela começou a gritar e a balançar suas asas. Foi o tempo necessário para eu pular nela e no lobo, antes que eles saíssem voando.

— Fique aí, sua puta! — pedi, do alto de minha educação.

Nem me lembro se ela respondeu ou não. O lobo estava meio desfalecido, e eu com pau duro, para variar. Segurei o torso do lobo com uma mão e a barriga da menina, toda arranhada, com a outra, puxando os dois pro chão. Ela chorava.

— Fique tranqüila. Abra os olhos e pare de chorar. Continue gozando, vai... Vagabunda!

Ela tentou sair daquele pau inchado e, quando viu que seus esforços de nada adiantariam, abriu um sorriso para mim, um sorriso como eu nunca tinha visto antes. Notei seu mamilo endurecendo e suas mãozinhas acariciando o lobo. Vi seu quadril remexendo e, como eu estava com o pau duro e sentindo o rabo do lobo roçando em meu peito, me afastei, subi naquele rabo, cuspi no meu pau e atolei no cu do animal. Ele se ajeitava e lambia o mamilo da garota.



Ela se inclinava, beijava o focinho dele e, de vez em quando, passava a língua em sua boca. O lobo uivava, eu urrava e ela gargalhava. Passei a mão no rosto dela, suas lágrimas doíam na minha pele como ácido. Aquela dor me dilacerava e me deleitava.

Soltei o rosto dela e comi o cu daquele lobo. O cheiro ficava mais forte, cheiro de buceta, de pinto, de sangue, de animal e de homem. A menina cagava de tesão e se esfregava em sua própria bosta.

As pessoas que fugiram começaram a voltar, trêmulas. Uma tentou passar a mão em mim. Arranquei seu braço com uma mordida e, sem tirar meu pau do cu do lobo, engoli o membro do enxerido, começando pela mão. Um fisting ao contrário, pensei.

O desgraçado nem conseguiu fugir porque as outras pessoas começaram a correr em sua direção e a arrancar pedaços de sua carne e a devorar. Depois que terminei o braço, continuei a comer a bunda do lobo, arrancando nacos de carne do corpo daquele ser que parecia um homem. Ele não gritava. E eu sentia o cheiro cada vez mais forte, agora misturado ao meu. Os olhos verdes da menina começaram a verter lágrimas abundantemente; o lobo já estava praticamente morto em minhas mãos. Segurei o coração dele, esperando a última batida. Arranquei seu corpo todo, peda-



ço por pedaço, do corpo da menina, rasgando-o furiosamente. Foi quando notei que seu pau ainda estava inchado dentro dela.

Joguei fora os pedaços do corpo do lobo, escutando sua pele raspar no chão da rua. Seu coração, ainda em minhas mãos, sangrava sobre a menina. Ela, de pernas ainda abertas, rebojava, chorava e sorria. Lambi muito aquela xoxota, com o pedaço do pau do animal ainda dentro. Lambi o sangue que escorria de minha mão sobre ela, passei minha língua por todo aquele corpinho, até chegar naquela boca angelicalmente sensual. E beijei aquela lingüinha roçando a minha, enorme. Sangue e saliva. Segurei seu rosto com as duas mãos e vi uma mulher centenária num corpo de criança, uma puta velha. Ela me segurou e começou a bater as asas, levando-me com ela. Após sairmos do chão, vi que me olhava fixamente com seus olhinhos verdes. A lua estava atrás da gente, e, embaixo, dois defuntos eram comidos e estuprados por um monte de pessoas e criaturas. Olhei nos olhos da velha-menina e escutei a voz mais angelical que já dirigiu a palavra a mim:

— Você vai me comer?

Sorri.

**FIM**

VOLUME 1



## SOBRE A BANDA

No agitado cenário londrino do final da década de 70, o *punk rock* já dava seus primeiros filhotes ao mundo. Em 1978, o guitarrista Daniel Ash, o baixista David J e o bateristas Kevin Haskins criaram o Bauhaus. Com a entrada do sombrio vocalista Peter Murphy, a banda criou uma nova sonoridade e influenciou uma geração. A idéia a princípio, era satirizar elementos do Expressionismo, dando uma vertente de teatro aos filmes como *Drácula*. Inspirados no horror desses filmes criaram a música *Bela Lugosi's Dead* que acabou fazendo com que fossem considerados um dos fundadores do rock-gótico, criaram um estilo minimalista, experimental apoiado em guitarra reverberada e acordes frios e distantes de teclado. Ao mesmo tempo, a tensão na banda foi muito forte, que levou a implosão da mesma em 1983, com um brevíssimo retorno em 1998 e em 2005. Hoje, o Bauhaus é uma das mais cultuadas bandas do pós-punk inglês de todos os tempos, rendendo tributos e angariando fãs neófitos no gótico.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **1979-83 VOL. 1 - BAUHAUS**

Design por Bauhaus

Lançado em 1986

Selo: Beggars UK - Ada

Produzido por Bauhaus

Para mais informações sobre o cantor, visite:

**[www.bauhausmusik.com](http://www.bauhausmusik.com)**

## SOBRE O AUTOR

Costureiro, agitador cultural, estudante de mitologia e religiões. Heitor Werneck é um eclético batalhador da cultura alternativa em São Paulo. Dono da grife Escola de Divinos, idealizador do Pulgueiro - feira alternativa -, adepto do *body suspended*, técnica em que a pessoa é suspensa por ganchos cravados na pele, Heitor Werneck é atualmente responsável por duas noites paulistanas: o Sarau, que reúne povo das artes nas terças-feiras no Loveland, e a mensal Luxúria, dirigida aos fetichistas. Sadomasoquista de carteirinha, Heitor se aventura também como DJ, levando seus sucessos favoritos dos anos 80 para as pistas.



# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 14 1979-83 VOL. 1

BAUHAUS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. DOUBLE DARE
2. IN THE FLAT FIELD
3. DARK ENTRIES
4. STIGMATA MARTYR
5. BELA LUGOSI'S DEAD - (LIVE)
6. GOD IN AN ALCOVE
7. TELEGRAM SAM
8. ST. VITUS DANCE
9. A SPY IN THE CAB
10. TERROR COUPLE KILL COLONEL
11. DANCING
12. HAIR OF THE DOG
13. THE PASSION OF LOVERS
14. MASK

